

EDITORIAL

ANO X – VOL. I

Por entrecruzamentos animalistas: perspectivas contemporâneas de um ponto de vista não antropocêntrico

Nesse dossiê, buscamos traçar uma cartografia em torno da problematização das animalidades, dos animalismos e dos antiespecismos no que se refere às suas intersecções ético-políticas com diferentes teorias e práticas críticas que colocam em questão a nossa relação com os meios ambientes, o gênero, o sexo, o desejo, o consumo, a vida e a morte. Certamente, com este volume, não pretendemos abarcar todas as tendências contemporâneas dos pensamentos não-antropocêntricos, ou seja, nossa cartografia é apenas uma dentre várias possíveis. O presente mapeamento se faz a partir de três eixos analíticos que correspondem aos feminismos e às ecosofias, aos marxismos e sua relação com a liberação animal e, por fim, à análise dos discursos e da biopolítica. Nosso dossiê se organiza, portanto, da seguinte forma:

- **Feminismos e Ecosofias: encontros multiespécies;**
- **Liberação animal e lutas anticapitalistas: o antiespecismo e suas bases marxistas;**
- **Violências ontoepistêmicas: pensar a vida, a morte e a resistência dos animais não-humanos.**

Para a anunciação de cada um dos eixos escolhemos diferentes fotografias realizadas por Imanol López, as quais foram tiradas no México, na cidade de Querétaro, entre 2016 e 2017. As imagens criadas sob as lentes da câmera de Imanol se mesclam às imagens e palavras articuladas por cada uma e por cada um dos autores que dão ensejo ao nosso dossiê. Dito de outro modo, através das fotografias de López, manifestamos uma espécie de comunicação entre nós, que coordenamos o número, e as autoras e autores que o compõem.

Concebemos que não é o caso de explicar, na presente editorial, o que tais imagens significam para nós, Cassiana e Imanol. Mas, gostaríamos de dizer que as fotografias foram escolhidas a dedo e sem a pretensão de legendar os títulos dos eixos de nosso número. Trata-se, antes, do ato de compor e de comunicar através de um jogo espiralado entre imagem e palavra, jogo no qual a imagem prolonga a palavra e simultaneamente a palavra prolonga a imagem, de modo a gerar uma espécie de transbordamento entre a anunciação das linhas que tematizam cada um dos passos de nossa cartografia e os enredos construídos por nossas autoras e autores.

Dito isto, passemos, então, à apresentação de cada um dos ensaios que constituem nosso dossiê.

1. Feminismos e Ecosofias: encontros multiespécies

Abrimos o presente volume com a reflexão de Clara Eliane Cuevas que, em “Rastros de una mujer-animal: cuerpo y memoria de Julia Pastrana, invitación a una imaginación histórica”, permite-nos perceber a ambivalência atinente à vida de Julia Pastrana sem nos fazer recair na perspectiva da “*heart-breaking history*”, para retomar os termos de nossa autora. Nesse sentido, Clara Cuevas nos convida a entender, por meio da reconstrução histórica da memória de Julia Pastrana, em que medida a animalização desta mulher justificou o uso compulsório de seu corpo, tanto durante sua vida quanto após a sua morte, para fins econômicos atrelados à indústria do entretenimento que misturava de forma irrefletida horror e comédia no contexto dos *freak shows*. Por outro lado, Cuevas também nos conduz à reflexão da potência ético-política concernente à articulação entre feminilidade e animalidade. Mais precisamente, Clara Cuevas está longe de uma postura humanista que tenta suplantar a dimensão animal que tangencia a história e vida das mulheres em um sistema cuja matriz continua a ser patriarcal-humanista. Diferentemente, através da rememoração de Julia Pastrana, Cuevas nos permite questionar se já não seria tempo de afirmar a potência combativa dos laços transhistóricos entre feminilidade e animalidade. As análises argutas de Clara Cuevas, fundamentadas em fontes histórico-antropológicas acerca de Julia Pastrana, carregam em si a urgência do tempo presente – tempo no qual, como nos mostra Paul B. Preciado, o feminismo não é e (não pode ser) um humanismo.

Na sequência, encontramos-nos com o trabalho artístico “Elípticas (Subentendidas, implícitas Ocultas)” de Cecilia Cavalieri. O trabalho de Cavalieri é uma ruptura, um grito, um rasgo cosmotransfeminista e antihumanista que coloca em questão o esquecimento estrutural dos corpos-vaca como o de Balinha, corpos que são anonimamente relegados à satisfação agro-santa e patrimônio-industrial dos desejos insaciáveis da carne dos humanos de bem. Balinha, este corpo-vaca, este corpo-cadela, este corpo propriedade, conecta-nos, como expõe Cavalieri, “às fêmeas lactantes capturadas pela indústria do leite”. Em “Elípticas (Subentendidas, implícitas Ocultas)”, vemos e entendemos que a consumação do matrimônio agroindustrial depende tanto do estupro casual e interespecífico dos corpos-vacas, quanto do negócio seminal que articula econômica e hierarquicamente os viris senhores de terra aos touros imigrantes como Kavardi. Através das histórias (não mais) elípticas de Balinha e Kavardi, histórias que agora invadem o espaço de nossa memória pelo complexo jogo entre o discurso da imagem e a imagem do discurso, Cecilia Cavalieri desromantiza as matrizes heterossexuais e falocêntricas da insaciabilidade que move o sexo, o amor e a vontade de comer.

Ainda no primeiro eixo de nosso dossiê, deparamo-nos com “Amizade com o mar que devora – múltiplas leituras sobre agenciamento”, de Julia Naidin. A partir do relato de suas vivências na praia de Atafona (Rio de Janeiro - Brasil) e em meio aos escombros que resultam do complexo processo de erosão pelo qual esse território passa, Naidin nos permite perceber que ainda há esperança para a vida em comunidade neste mundo e neste tempo que é o nosso. O sutil e potente olhar de Julia Naidin sobre o ecossistema comunitário da praia de Atafona traz à tona um relato que, por um lado, implica-nos (a nós: animais-humanos) na destruição e no sofrimento da natureza – poeticamente representada no ensaio de Naidin pela figura ativa do mar – e, por outro lado, responsabiliza-nos (a nós: animais-humanos) pela criação de novos e outros laços com este ente que ainda é ferido pelo interesse econômico predominante no neoliberalismo, sistema que só pode ser salvaguardado em detrimento de ecossistemas comunitários como os de Atafona. A perspectiva ecosófica de nossa autora é elaborada a partir da mobilização teórica de diferentes pensadoras e pensadores contemporâneos. Entre os filósofos trabalhados, destaca-se a relevância de Michel Foucault e de Judith Butler na construção argumentativa de Julia Naidin que

transforma a escrita em um instrumento ético-político, cuja dimensão poética nos permite participar do ecossistema comunitário de Atafona e, por meio dele, entrever outras maneiras de se conviver no mundo.

Encerramos o primeiro eixo de nossa cartografia com “Pensar a vida e a morte dos animais sob uma perspectiva indígena”, de Gustavo Fontes. Fontes aborda com maestria a questão animal a partir de uma perspectiva cosmológica ameríndia. Neste artigo, Fontes nos faz perceber, a cada movimento reflexivo que desenvolve, a arbitrariedade civilizatória e civilizadora das distinções epistêmicas pretensamente cabais entre, por um lado, natureza e cultura e, por outro lado, animais e humanos. Além disso, a partir da mobilização do perspectivismo multinaturalista, Fontes nos permite problematizar o hodierno contexto brasileiro no que se refere ao vínculo entre o cultivo do gado, o consumo da carne e a ameaça da vida, da resistência e da criatividade ameríndia. Como podemos perceber a partir de tais análises, na atualidade do Brasil, indígenas e animais não-humanos têm suas vidas ceifadas e suas terras extirpadas em nome do funcionamento do maquinário neoliberal do Bom humano ou do humano de bem. Nosso autor recorre, portanto, aos povos Tupi e aos Yanomami para mostrar de que modo a Antropofagia rompe com as fronteiras civilizatórias que distinguem de modo absoluto os humanos e os demais animais, bem como de que maneira podemos entrever, no que diz respeito à comensalidade da carne, tal que praticada pelos povos originários, um contraponto em relação à fetichização de tipo especista do binômio humano-animal que fundamenta o carnismo neoliberal.

2. Liberação animal e lutas anticapitalistas: o antiespecismo e suas bases marxistas

O segundo eixo de nossos entrecruzamentos animalistas começa com o artigo “El proyecto socialista ante la cuestión de las especies y el especismo: tres posiciones en debate civilizatorio”, de Segio Chaparro Arenas. Nesse texto, Arenas problematiza o lugar ético-política dos outros animais nos projetos de liberação que remontam à tradição marxista. Ao contextualizar os debates e investigações sobre a crise da civilização capitalista no que se refere aos danos perpetrados contra os trabalhadores, os outros animais e o meio-ambiente, Chaparro traça uma genealogia

das diferentes perspectivas e posturas marxistas face ao especismo na contemporaneidade. Desse modo, na medida em que coloca em questão, de um ponto de vista sociopolítico, a articulação dos marxismos com, por um lado, a naturalização do especismo e, por outro lado, a incorporação do antiespecismo, Sergio C. Arenas nos permite entrever uma revolução cultural de cunho ecológico e antiespecista que engaja a transformação da vida cotidiana. Mais precisamente, por meio da mobilização do conceito-experiência de “liberdade integral”, Chaparro nos mostra que a preservação das potencialidades ético-políticas dos distintos modos de vida no mundo depende da criação e recriação do comum(nismo) e não do desenvolvimento irrefletido do capital(ismo).

O fim dessa linha cartográfica fica por conta de Leon Denis que, no artigo “Do *ethos* em Aristóteles ao fetichismo em Marx: a naturalização do consumo animalizado”, convida-nos a colocar em questão, tanto de um ponto de vista teórico, por meio da mobilização da ética de Aristóteles e da política de Marx, quanto de um ponto de vista prático, através do relato de algumas das experiências docentes de nosso autor no ensino médio público brasileiro, a naturalização do consumo dos produtos animalizados. Leon Denis nos incita a pensar sobre a articulação capitalista entre a genealogia do *ethos* carnista e a fetichização econômico-política dos outros animais. Mais precisamente, por um lado, Denis nos permite perspectivar, com base em sua reapropriação analítica de Aristóteles, a dimensão abolicionista da ética da responsabilidade e, por outro lado, ampliar o escopo do diagnóstico marxiano sobre a mercadoria a partir do desenvolvimento de uma reflexão crítica acerca do uso capitalista e capitalizado dos animais não-humanos.

3. Violências ontoepistêmicas: pensar a vida, a morte e a resistência dos animais não-humanos

Nosso terceiro e último eixo cartográfico é marcado por dois pontos de contato no espaço e no tempo. Iniciamos as discussões com as pesquisas desenvolvidas por Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A.G. Oliveira, Karyn Capilé, Maria Alice da Silva e Tânia A. Kuhnen no artigo “Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista”, onde as autoras e autores aliam análise social e reflexão filosófica para colocar em questão, a partir de um ponto de vista ético-político, a estruturação

especista da linguagem. Nossas autoras e autores diagnosticam, com base na íntima articulação ecofeminista-animalista entre teoria e prática, o quão violento e, portanto, opressor é o uso da palavra “gado” que, no atual cenário político do Brasil, normalmente é associada a pessoas consideradas acríicas, inconscientes e sem responsabilidade social. Mais precisamente, o artigo nos mostra que a derogatória utilização do termo “gado” legítima e é legitimada pela cultura da exploração animal, a qual está calcada na lógica antropocêntrico-dualista do dominador e do dominado, do superior e do inferior, do racional e do irracional. A problematização ecofeminista-animalista do modo pelo qual “gado” é corriqueiramente empregado nas discussões de cunho político entretidas nas redes sociais, faz-nos perceber a urgência comunitária da adesão à uma linguagem antiopressora, capaz de considerar e de abarcar em seu escopo os outros animais de maneira a fortalecer, na via do exercício de um cuidado que é simultaneamente criativo e comunicativo, as complexas relações de interdependência subjetivo-existencial entre animais humanos e animais não-humanos.

Finalizamos nosso número com chave de ouro, por meio da tradução do inglês para o espanhol realizada por Josué Imanol López de Barrios do artigo “¿Los peces resisten?”, de Dinesh Wadiwel. Nessa investigação, Wadiwel realiza um deslocamento metodológico a partir do qual pensa nossa relação com os peixes e demais animais marítimos. Ao invés de partir da pergunta que coloca em questão se os peixes são capazes de sentir dor (problema debatido na literatura científica), Wadiwel pergunta se são capazes de resistir. De acordo com Wadiwel, a primazia da questão do sofrimento é, na realidade, o resultado de certa violência epistêmica que articula o conhecimento científico em torno do sofrimento animal. Esta mesma violência faz com que os peixes sejam concebidos como animais sem agência e sensibilidade. Contra tal caracterização, Wadiwel conceptualiza a resistência dos peixes. Embora comumente não se pense que os animais (em geral) e tampouco os peixes (em particular) podem resistir, já que isto significaria atribuir-lhes certo nível de consciência, Wadiwel parte de uma postura operaísta e foucaultiana para elaborar uma concepção de resistência que não necessariamente implica em um ato consciente, mas que funciona como a contrapartida estratégica dos dispositivos desenvolvidos

para combatê-la. Através desta lente, Wadiwel estuda tecnologias como o anzol, a rede e as práticas contemporâneas de aquacultura.

*

Antes de passarmos à leitura do dossiê propriamente dito, gostaríamos de fazer mais uma ressalva. Como vocês podem perceber, nosso texto editorial não está carregado de grandes argumentações filosóficas que justificam o título do presente volume, seu objetivo e sua organização. Mobilizamos, com efeito, os conceitos de “entrecruzamentos”, “animalismos”, “não-antropocentrismo” e “cartografia” para montar nossa proposta. Tais conceitos derivam de nossas relações intelectuais que entretemos com os pensamentos de Michel Foucault, Donna Haraway, Paul B. Preciado, Rosi Braidotti e Gilles Deleuze. Sem dúvida, a crítica ao antropocentrismo atravessa as autoras e os autores supramencionados. Já a tematização dos animalismos, entendidos, de modo geral, como as diversas disposições dos vínculos que experienciamos com os mais-que-humanos é evidentemente desenvolvida por Donna Haraway (2021), Paul B. Preciado (2020) e Rosi Braidotti (2013). Também se faz interessante indicar que a noção de “entrecruzamento” aparece em um texto que Michel Foucault dedica ao pintor Gérard Fromanger (Foucault, 1994) e reaparece, como uma imagem não tão evidente, na proposta da transhistoriedade (Foucault, 2011). Por fim, a noção de “cartografia” nos remonta aos procedimentos filosóficos de Deleuze (1975) que são recuperados na metodologia pós-humanista de Rosi Braidotti (2013).

Gostaríamos, então, apenas de dizer que se este dossiê pode servir de cartografia não é porque, graças ao nosso trabalho editorial, conseguimos mapear as principais contribuições dentro dos animalismos contemporâneos. Nada está mais longe da realidade. Os nossos esforços se concentraram menos em obter uma representação fiável da realidade e mais em traçar as linhas que atravessam os nossos pensamentos, experiências e sentimentos, para localizar os perigos que nos ameaçam, mas também descobrir potências das quais nos cremos capazes. Em suma, tentamos lançar certas flechas que atravessam o campo estratégico em que abrimos espaço para pensar, conviver e sentir com outros animais.

Paramos por aqui e desejamos uma boa leitura.

Bibliografia

Braidotti, R. (2013). *The Posthuman*. Malden: Polity Press.

Deleuze, G. (1975). « Écrivain non : un nouveau cartographe ». *Critique*, no 343.

Foucault, M. (2011). *A Coragem da Verdade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (1994). “La peinture photogénique”. In: Foucault, M. *Dits et écrits I*. 1970-1975. Paris: Gallimard.

Haraway, D. (2021). *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Trad: Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do tempo.

Preciado, P.B. (2020). *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.